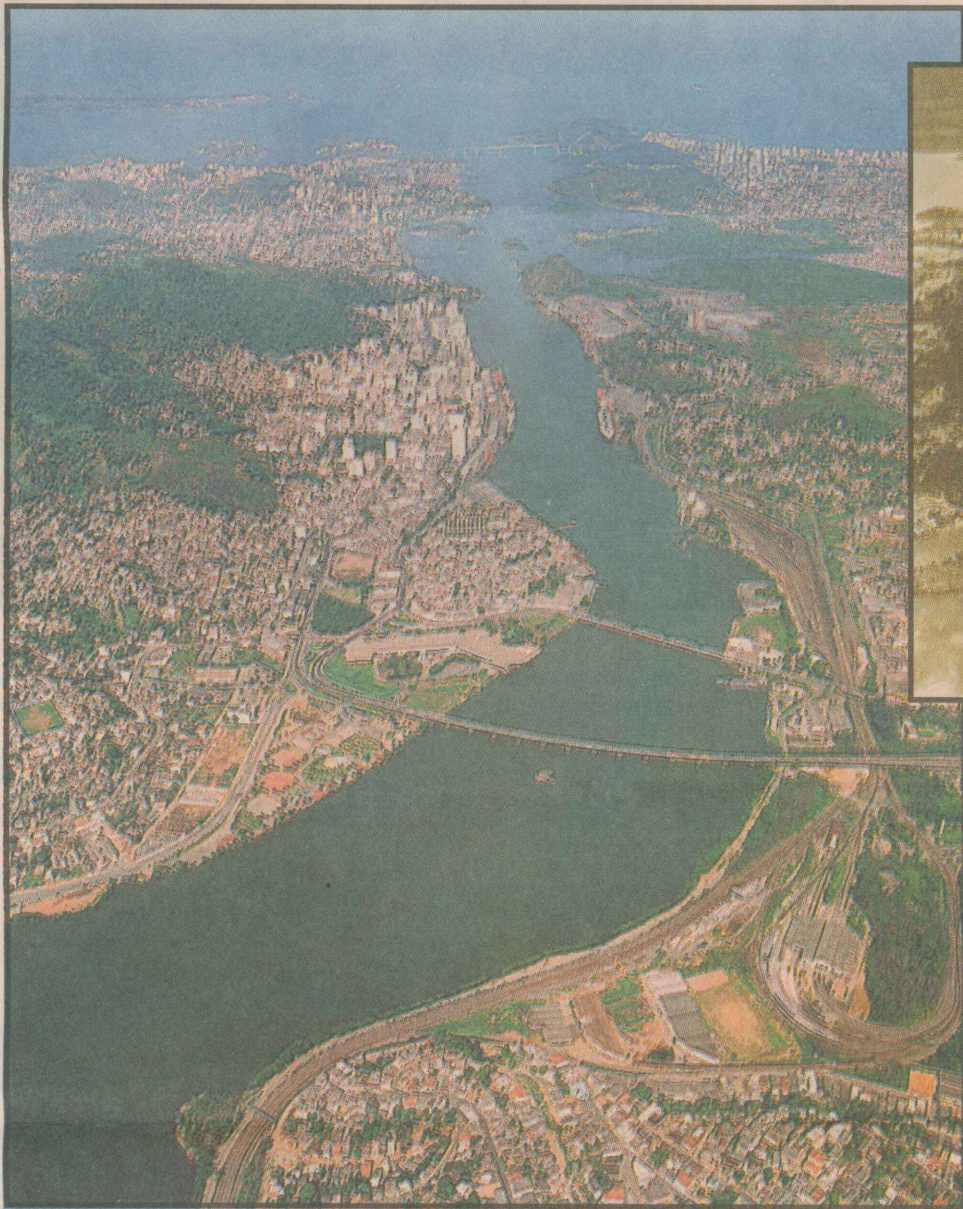


AJ03831

AJ00742

CADERNO DOIS



Foton Imagens



Acervo Pessoal de Nilton Pimenta



Reprodução do mapa de João Teixeira

TRANSFORMAÇÕES

A Baía de Vitória sofreu várias mudanças ao longo dos anos. Confira à esquerda, a vista aérea do mesmo cenário, tirada das imediações de Cariacica, em 1997. Acima, foto aérea da baía, em 1930. Ao lado, mapa do cartógrafo português João Teixeira, datado de 1631.

Baía de Vitória

Da cartografia à era

digital

X

Projeto resgata memória visual da Baía de Vitória e vai resultar numa home page

RENATA RASSELI

A Baía de Vitória vai ganhar uma página na Internet. A partir de junho, os capixabas e o resto do mundo poderão, literalmente, navegar por ela. É que um grupo de pesquisadores do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) está concluindo um levantamento fotográfico e cartográfico do local, chamado de *Memória Visual da Baía de Vitória*. A pesquisa, iniciada no ano passado, resultará numa home page (www.baiadevitoria.ufes.br), com 800 imagens de diversos períodos, um CDROM e uma exposição com 20 painéis.

Intitulada *Baía de Vitória: da cartografia portuguesa à fotografia digital*, a mostra deve ser aberta, na Capela Santa Luzia, Centro de Vitória, no dia 8 de setembro, quando se comemora o aniversário da cidade. O projeto tem o patrocínio do Facitec, fundo de apoio à ciência, da Prefeitura de Vitória.

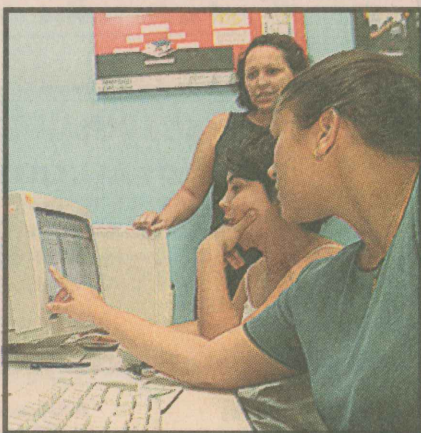
A pesquisa, coordenada pela professora Clara Luiza Miranda, apresenta as transformações da fisionomia urbana da Baía de Vitória do período quincentista até os nossos dias. Revela ainda as mudanças na concepção e no uso do espaço



Iphan, 6ª sub-regional



Arquivo da Biblioteca Central da Ufes



Ricardo Medeiros

PESQUISA

Vitória sofreu também vários aterros no interior da cidade, como por exemplo, na região do Parque Moscoso, urbanizado em 1912 (no alto). Na segunda foto, o campinho alagado onde foi construído o parque. Ao lado, Clara Miranda (ao fundo), Isabel Frota (em destaque) e Ellen Assad, pesquisadoras do projeto 'Memória Visual da Baía de Vitória', desenvolvido na Ufes

da baía. “Pretendíamos reunir imagens de 1870 até 1960, mas quando começamos a levantar o material, percebemos que os documentos não se restringiam a esse período”, conta a professora Clara. A equipe é composta, também, pelas estudantes Isabel Frota de Abreu, Ellen Motta Assad e Gislaíne Zanon Ferreira, além do professor Augusto Alvarenga, também professor de Arquitetura da Ufes.

Segundo Clara Miranda, o projeto, considerado interdisciplinar, visa unir a história da arquitetura com a informática, além de reunir em um só local um rico material que estava disperso por vários arquivos. “É a oportunidade de os capixabas, e com a Net, o resto do mundo, conhecer as transformações da paisagem natural da baía e como elas interferiram no processo de urbanização da cidade”, destaca a coordenadora.

Organização

Para melhor compreensão do internauta, a home page foi organizada em séries que permitem ao visitante conhecer os lugares que sofreram intervenções na cidade por períodos, através de mapas, fotos e infográficos. “Dividimos as imagens, conseguidas em vários arquivos de Vitória e do Rio de Janeiro, em décadas. Assim, o internauta clica em uma década e poderá conferir imagens da baía naquele momento. Ele poderá ainda obter informações históricas de cada imagem, o autor da foto ou do mapa, dentre outras coisas”, explica a professora Clara.

Orçada em R\$ 15 mil, a pesquisa prossegue até maio do ano

2001. “Depois do lançamento da home page, o trabalho continuará para a inserção de novas imagens e informações. Pretendemos conseguir material de outros arquivos e formar, assim, uma rede de informações sobre a Baía de Vitória”, destaca a equipe de pesquisadores.

Alterações

Apesar de os relatórios não estarem concluídos, a pesquisa já revela algumas constatações. “Descobrimos que as grandes transformações da baía devem-se ao grande número de aterros, tanto no contorno da baía quanto no interior dela. O Parque Moscoso, por exemplo, foi erguido sobre um aterro de uma região alagada. Os bairros de Jardim da Penha e Jardim Camburi também foram construídos em regiões aterradas. Com isso, a cidade cresceu muito. Ficou muito diferente”, lembra Clara.

Outra constatação do trabalho é que a baía tem pouco *waterfront* (superfícies construídas frontais à água). “As pessoas já tiveram mais contato com a água. Atualmente essa relação está cortada; as construções não permitem. O público só tem contato direto com a baía na região da Beira-Mar. A cidade cresceu sem planejar esse contato. Por isso, fazemos a pergunta: onde está o *waterfront*?”, constata.

Clara Miranda explica que o processo de verticalização (aumento do número de edifícios da cidade) colaborou para a transformação da baía. Segundo a pesquisadora, a mudança começou a ser notada durante o governo de Jones Santos Neves, de 1950 a 1953.